

2. Santa Clara e o Cristo Esposo

Acreditamos que a principal contribuição de Clara para o Movimento Franciscano foi a maneira de ver Deus Esposo em Jesus Cristo e nos ensinar a vivê-lo na sua contemplação transformante. Queremos dar uma perspectiva para a leitura de alguns textos de suas Fontes: observando que, em tudo, Clara celebrou e nos ensinou a celebrar Deus Esposo em Jesus Cristo.

Vamos considerar três perspectivas:

- 1). Santa Clara escreveu a Inês de Praga sobre o Cristo Esposo.
- 2). As Fontes históricas apresentam Clara como esposa de Cristo.
- 3). Clara celebrou o Cristo Esposo.

2.1. Cristo apresentado como Esposo a Inês de Praga

Inês de Praga foi a amiga com quem Clara partilhou a sua espiritualidade dos esposais ¹.

Vamos apresentar apenas as citações em que Clara usa as palavras Esposo ou Esposa, deixando de lado as numerosas outras expressões com que ele se refere à união pessoal e conjugal com Jesus Cristo.

Na Carta I, Clara chama Jesus uma vez de esposo, referindo-se a Inês:

“...tomando um esposo da mais nobre estirpe, o Senhor Jesus Cristo, que guardará vossa virgindade sempre imaculada e intacta” (1CtIn 7).

Também chama Inês de esposa duas vezes:

“Portanto, irmã caríssima, ou melhor, senhora muito digna de veneração, porque sois esposa, mãe e irmã do meu Senhor Jesus Cristo...” (1CtIn 12). “Mereceste ser chamada, com quase toda a dignidade, de irmã, esposa e mãe do Filho do Pai Altíssimo e da gloriosa Virgem (1CtIn 24).

Da mesma maneira, na Carta II, Jesus é chamado de esposo duas vezes: A primeira:

“Com o desejo de imitá-lo, mui nobre rainha, olhe, considere, contemple o seu esposo, o mais belo entre os filhos dos homens, feito por sua salvação o mais vil de todos, desprezado, ferido e tão flagelado em todo o corpo, morrendo no meio das angústias próprias da cruz (2CtIn 20).

E a segunda:

“Adeus, irmã querida, senhora minha pelo Senhor que é seu esposo” (2CtIn 24).

E também chama Inês de esposa de Jesus:

“Clara, serva inútil e indigna das pobres damas, saúda dona Inês, filha do Rei dos reis, serva do Senhor dos senhores, esposa digníssima de Jesus Cristo e por isso rainha nobilíssima, augurando que viva sempre na mais alta pobreza” (2CtIn 1-2).

Na Carta III, Jesus não é chamado de Esposo, mas Inês é lembrada como sua esposa:

“Clara, humilima e indigna servidora de Cristo e serva das senhoras pobres, à reverendíssima senhora em Cristo, sua irmã Inês, a mais amável de todos os mortais, irmã do ilustre rei da Boêmia e, agora, irmã e esposa do sumo Rei dos céus” (3CtIn 1-2).

Na Carta IV, Jesus é chamado uma vez de esposo, mas não se refere necessariamente a Inês:

¹ Inês de Praga, ou da Boêmia, foi filha do rei Otocar I da Boêmia e da rainha Constância da Hungria. Nasceu em 1205 e morreu em 1282. Foi prometida como noiva a diversos príncipes, inclusive ao futuro Henrique VII, que seria imperador. Teve uma educação esmerada, em diversos mosteiros e cortes. Sempre se dedicou às obras de caridade e, depois que conheceu os frades menores, que chegaram à sua cidade em 1225, animada também pelo testemunho de sua prima Santa Isabel da Hungria, decidiu seguir o exemplo das Irmãs de São Damião. Construiu uma grande obra, em que havia um hospital, um mosteiro e uma igreja de São Francisco. Entrou para a Ordem em 1234, com grande repercussão em toda a cristandade. Mesmo sem nunca terem tido a oportunidade de se conhecerem pessoalmente, ela e Clara estabeleceram uma profunda amizade.

Das muitas cartas que Clara deve ter escrito, sobraram apenas quatro, cujo tema é sempre Jesus Cristo: Jesus Cristo crucificado, Jesus Cristo pobre, Jesus Cristo esposo. A entrega a ele é feita em uma virgindade cada vez maior.

“Arrasta-me atrás de ti! Corramos no odor dos teus bálsamos, ó esposo celeste!” (4CtIn 30).

Mas Inês é chamada de esposa de Jesus cinco vezes:

“À outra metade da minha alma, singular sacrário do meu cordial amor, à ilustre rainha, esposa do Cordeiro, Rei eterno, dona Inês, minha caríssima mãe e filha, especial entre todas as outras...” (4CtIn 1). “Ó mãe e filha, esposa do Rei de todos os séculos, embora não tenha escrito mais vezes, como a minha alma e a sua igualmente desejam e de certa forma até necessitariam...” (4CtIn 4). “Mas agora, podendo escrever à minha querida, alegro-me e exulto com você, ó esposa de Cristo, na alegria do espírito” (4CtIn 7). “Olhe dentro desse espelho todos os dias, ó rainha, esposa de Jesus Cristo, e espelhe nele, sem cessar, o seu rosto” (4CtIn 15). “Ornada também com as flores e roupas das virtudes todas, ó filha e esposa caríssima do sumo Rei” (4CtIn 17).

Em resumo, esposo e esposa em relação a Jesus são palavras usadas treze vezes. Fora das Cartas, Clara não usa nem uma vez os termos esposo e esposa, ainda que deixe claro no *Testamento* e na *Forma de Vida* que Jesus é o seu Caminho e o Centro de sua vida. Mas ela usa diversas outras expressões equivalentes para falar do Cristo Esposo, como esta:

“Você se fez seguidora da santíssima pobreza em espírito de grande humildade e do mais ardente amor, juntando-se aos passos daquele com quem mereceu unir-se em matrimônio” (2CtIn 7).

Na primeira Carta, ainda seria possível pensar que Clara tivesse aludido ao Cristo esposo simplesmente para fazer uma comparação entre o possível casamento de Inês com o Imperador da Alemanha e sua decisão de se fazer uma religiosa, unindo-se a Cristo. Mas a insistência nas outras cartas, especialmente na quarta, escrita dezenove anos mais tarde, mostra que falar de Jesus Esposo é transmitir à discípula Inês um fundamento da espiritualidade clariana. Bem longe do que pensam os que vêm nesses esponsais uma “sublimação”². Clara tem um sólido fundamento bíblico, patrístico e místico para se referir a esse ponto chave de sua espiritualidade. Vamos estudar esse fundamento em outros capítulos.

2.2. Clara Esposa de Cristo

As FONTES CLARIANAS são ricas na apresentação de Santa Clara como Esposa de Cristo. Vamos selecionar algumas das principais citações. Logo de início, podemos ter a impressão de que foi São Francisco quem fez Clara pensar em ser esposa de Jesus, nos primeiros encontros que eles tiveram antes que ela entrasse na Ordem:

“O pai Francisco exortava-a a desprezar o mundo, mostrando com vivas expressões que a esperança do século é seca e sua aparência enganadora. Instilou em seu ouvido o doce esponsal com Cristo, persuadindo-a a reservar a jóia da pureza virginal para o bem-aventurado Esposo a quem o amor fez homem” (LSC 5,5-6).

Mas é possível que a própria Clara tenha falado inicialmente sobre isso porque, quando ela e Francisco tiveram os primeiros encontros, os parentes já achavam que ela estava adiando o casamento e ninguém ignorava o particular amor que ela tinha por Jesus Cristo:

“Quando os pais quiseram que ela se casasse com um homem, negou-se, desejando os esponsais com Cristo esposo, cujas agradáveis delícias já pudera provar...” (LgV 5 214).

Em todo caso, São Francisco insistiu, porque – provavelmente logo depois que ela entrou na Ordem – apresentou-lhe uma “Forma de Vida” em que dizia que Clara e suas Irmãs tinham “desposado o Espírito Santo”, como ela recorda em sua Regra:

“... [o bem-aventurado pai,] movido de piedade, escreveu-nos uma forma de vida deste modo: “Desde que, por inspiração divina, vos fizestes filhas e servas do Altíssimo Sumo Rei Pai celeste e desposastes o Espírito Santo, optando por uma vida de acordo com a perfeição do santo Evangelho, eu quero e prometo, por mim e por meus Frades, ter por vós o mesmo cuidado diligente e uma solicitude especial, como por eles” (RSC 6,2-5).

Esse texto adquire um valor todo especial comparado com a *Antífona do Ofício da Paixão*, em que Francisco saúda Nossa Senhora com expressões idênticas às da Forma de Vida, dizendo:

² Cf. ROBERTO ZAVALONI, *A personalidade de Santa Clara de Assis*, p. 210.

“Santa Virgem Maria [...], filha e serva do altíssimo sumo Rei Pai celeste, mãe do santíssimo Senhor nosso Jesus Cristo, esposa do Espírito Santo...” (OfP ant. 1-2).

O próprio Papa Inocêncio IV, na bula *Gloriosus Deus*, em que mandou abrir o seu *Processo de Canonização*, mostra que Clara foi generosa e decidida na adesão a Cristo como Esposo: *“Não perdeu tempo nem demorou a cumprir prontamente o que lhe deleitava ouvir, mas imediatamente, abnegando a si mesma, a seus parentes e a todas as suas coisas, feita já uma adolescente do reino celestial, elegeu e chamou seu Esposo Jesus Cristo pobre, Rei dos reis, e devotando-se a Ele totalmente, com a mente e o corpo em espírito de humildade, prometeu-lhe especialmente estas duas coisas boas como dote: o dom da pobreza e o voto da castidade virginal”* (ProcC Bula, 3).

O papa usa uma chave bíblica tomada do Salmo 44, um salmo nupcial, para explicar a atitude de entrega total e exclusiva: a filiação familiar, a pertença a um povo..., isto é, o que constitui uma pessoa por dentro e por fora, fica em suspenso diante do chamado de Deus que convoca: *“Ouve, filha, e vê e inclina teu ouvido, esquece teu povo e tua casa de teu pai, porque o Rei desejou tua beleza”* (ProcC Bula 2).

E também comenta que ela ouviu de verdade e consagrou sua vida a viver esses esponsais: *“E assim a virgem pudica uniu-se aos desejados abraços do esposo virgem...”* (ProcC Bula 4).

Ela deu o passo decisivo na igreja da Porciúncula, sob o olhar da Mãe de Jesus: *“Depois que a humilde serva recebeu as insígnias da santa penitência junto ao altar da bem-aventurada Maria, como se desposasse Cristo junto ao leito da Virgem...”* (LSC 8).

Pelas Fontes, esse fato foi apenas uma iniciação, aceita e completada com solenidade pela própria Virgem Maria, muitos anos depois, quando Clara estava no final de sua carreira:

“...Viu entrar uma porção de virgens vestidas de branco, todas com grinaldas de ouro na cabeça. Entre elas, caminhava uma mais preclara que as outras... que mudava a própria noite em dia luminoso dentro de casa. Ela foi até a cama em que estava a esposa de seu Filho e, inclinando-se com todo amor sobre ela, deu-lhe o mais terno abraço. As virgens trouxeram um pátio de maravilhosa beleza e, estendendo-o, deixaram o corpo de Clara coberto e o tálamo adornado” (LSC 46).

O biógrafo mostraria que ela fez dessa união com o Cristo-Esposo o fundamento da vida contemplativa que viveu até o fim com suas Irmãs: *“Assim, unida imutavelmente a seu nobre Esposo no mundo mutável, deliciava-se continuamente nas coisas do alto. Firme em virtude estável no rodar versátil, guardando o tesouro da glória em vaso de barro, tinha o corpo na terra e a alma nas alturas”* (LSC 20).

Sobre isso mesmo, o autor de sua *Legenda* diria: *“A virgem Clara fe-chou-se no cárcere desse lugar apertado por amor ao Esposo celeste”* (LSC 10).

Nesse “cárcere” ela teve oportunidade de se entregar totalmente ao amor do Esposo: *“Muitas vezes, prostrada em oração com o rosto em terra, regava o chão com lágrimas e o acariciava com beijos: parecia ter sempre o seu Jesus entre as mãos, derramando aquelas lágrimas em seus pés, a que beijava”* (LSC 19).

Comentando que São Francisco a animara aos esponsais com Cristo, Celano fala de sua generosidade e de seu espírito decidido, que fariam dela uma mestra de espiritualidade:

“Ouvindo o pai santíssimo, que procedia habilmente como o mais fiel pa-drinho, a jovem não retardou seu consentimento. Abriu-se-lhe então a visão dos gozos celestes, diante dos quais o próprio mundo é desprezível. Seu desejo derreteu-a por dentro, seu amor fez com que ansiasse pelos esponsais eternos” (LSC 6).

Logo depois de sua morte, durante o velório na igreja de São Damião, algum secretário da Cúria Romana observou em uma carta escrita a todos os mosteiros das Damianitas:

“Quando dona Clara, guia, mãe venerável e mestra chamada pelo mensageiro que desagrega a união da carne, voou para o tálamo do Esposo celestial” (CcNm).

E ela fez escola, tanto que, pouco depois da canonização de São Francisco, em 1228, quando a Santa ainda tinha 25 anos de vida pela frente, o biógrafo Tomás de Celano enumerou diversas qualidades das Irmãs de Clara, destacando, entre outras, com a maior admiração:

“Em terceiro lugar, o lírio da virgindade e da pureza perfuma-as todas, a ponto de esquecerem os pensamentos terrenos e desejarem apenas meditar nos celestiais. Essa fragrância acende em seus corações tão grande amor pelo Esposo eterno, que a plenitude desse sagrado afeto apaga toda lembrança da vida passada...” (1Cel 19).

Sobre a admiração das Irmãs pelo exemplo de Clara como esposa de Cristo, escreveu:

“Acolhiam o carinho afetuoso da mãe, respeitavam na mestra o cargo de governo, acompanhavam o procedimento correto da formadora e admiravam na esposa de Deus a prerrogativa de uma santidade tão completa” (LSC 38).

Ela valorizava sua vocação e queria que outras a partilhassem. Tanto que desejou esse mesmo dom para a irmã querida que ficara em casa:

“Pedia insistentemente ao Pai da misericórdia que o mundo perdesse o gosto e que Deus fosse doce para Inês, a irmã deixada em casa, mudando-a da perspectiva de um casamento humano para a união de seu amor, desposando com ela, em virgindade perpétua, o Esposo da glória” (LSC 24).

“Que casamento solene, que virgindade prolífica, pois, limpa de todo contato carnal, veio a ter tão abundante e numerosa descendência! Admirável fecundidade de um germe que, sem conhecer corrupção, propagou uma prole in-contável, contando com o sopro da inspiração divina!” (CcNm).

O autor da *Legenda Versificada de Santa Clara* sublinha esses esponsais com Cristo em muitas passagens. Destaco duas em que compara Clara à esposa do Cântico dos Cânticos 2,5:

...suspensa pelo prazer da mente e sentindo-se doce por seus favos, enlanguescia por seu amor (LgV 5,219). ...pede para ser sustentada com maçãs, apoiada em flores, dizendo qual a causa: “porque morro de amor” (LgV 8,367).

Esse autor demonstra não ter entendido o espírito de Clara, mas observa:

“Esta comandante sagrada mostrava às senhoras de estirpe real como desprezar os enganos da carne petulante e as delícias do mundo, a não querer maridos que iam morrer, mas, a seu exemplo, desposar o Esposo celestial” (LgV 10, 345). O fato é que ela partilhou os esponsais por ela vividos de uma forma profunda, bonita, cheia de unção, com sua Irmã Inês de Praga.

2.3. Clara celebrou Cristo Esposo

Etimologicamente, celebrar é voltar com frequência a um lugar onde se descobriu que pode haver algo interessante e proveitoso. Para dar um exemplo, as pessoas célebres são as que aparecem com frequência nos meios de comunicação.

Nós celebramos mistérios. Mistério é uma realidade que se descobriu ser muito importante, que não se conhece toda, que pode ser inesgotável. Ao contrário do que muita gente parece pensar, mistério não é uma realidade proibida, não é uma afirmação que não se pode tirar a limpo nem uma verdade que não dá para compreender. É uma fonte inesgotável de onde podemos tirar água indefinidamente, e dela viver sem receio de que venha a faltar.

Santa Clara celebrou o mistério do Cristo Esposo em sua vida, com suas Irmãs, no Santuário de São Damião e nas raízes do movimento franciscano. Ela foi penetrando cada vez mais dentro da revelação do Filho de Deus feito homem, do Deus-Esposo da Bíblia nele revelado, e foi tirando desse conhecimento uma riqueza infinita para viver cada vez melhor, para ela mesma, para as pessoas próximas, para a construção da humanidade.

Para dar um exemplo, pelo que ela escreveu e viveu poderíamos pensar que tinha um imenso amor ao seu voto de pobreza. Mas, quando o papa Gregório IX disse que poderia dispensá-la do voto, ela respondeu que não queria ser dispensada de seguir “o meu Senhor Jesus Cristo”. A pobreza era para ela, uma característica do Cristo Esposo, como ela chegou a cantar na primeira Carta a Inês de Praga.

Foi a comunicação de que era uma celebrante do mistério de Cristo Esposo que ela quis partilhar com sua amiga Inês quando lhe escreveu cartas tão ricas de conteúdo. De fato, analisando e refletindo sobre cada frase dessas cartas, descobrimos como ela voltou incessantemente ao descobrimento do Cristo Esposo na Bíblia, nos Santos Padres da Igreja, nos místicos do seu tempo. E como sempre tirou desse conhecimento decisões muito concretas para caminhar com alegria e proveito no caminho que tinha escolhido. Oitocentos anos depois, ainda podemos nos maravilhar com o que ela descobriu, festejou, partilhou e serve ainda hoje para que nossos horizontes sejam mais abertos e nossa vida mais rica de sentido e de felicidade.

A leitura das Cartas a Inês de Praga demonstra que Clara teria sido incapaz de escrever reflexões tão profundas e apaixonadas sobre Jesus Cristo se não as tivesse vivido ela mesma intensamente. Os textos são numerosos. Indico um dos mais interessantes, que, aliás, só pode ser plenamente entendido por quem puder apreciá-lo em latim:

“Feliz, decerto, é você, que pode participar desse banquete sagrado para unir-se com todas as fibras do coração àquele cuja beleza todos os batalhões bem-aventurados dos céus admiram sem cessar, cuja afeição apaixonada, cuja contemplação restaura, cuja bondade nos sacia, cuja suavidade preenche, cuja lembrança ilumina suavemente, cujo perfume dará vida aos mortos, cuja visão gloriosa tornará felizes todos os cidadãos da celeste Jerusalém, *pois é o esplendor da glória* (Hb 1,3) eterna, *o brilho da luz perpétua e o espelho sem mancha* (Sb 7,26)” (4CtIn 9-14).

Chamo a atenção para o fato de que o texto acima foi feito com o ritmo de um cântico. Clara transborda de felicidade por ter descoberto o Cristo Esposo e por festejar essa felicidade com uma Irmã que tinha feito a mesma descoberta. Podemos dizer que toda a sua vida foi um cântico de celebração.

Nesta reflexão, queremos mostrar como os contemporâneos reconhecem em Clara o brilho do Esposo e como ela celebrou com Inês de Praga o que sempre estivera descobrindo “em rápida corrida, com passo ligeiro e pé seguro, de modo que seus pés nem recolhiam a poeira, confiante e alegre, avançando com cuidado pelo caminho da felicidade” (cf. 2CtIn 12-13), e “abraçando o Cristo pobre como uma virgem pobre” (cf. 2CtIn 18), isto é, cultivando o vazio interior para que o Cristo *kenótico*, esvaziado (cf. Fl 2,5-8), tivesse em sua interioridade um espaço cada vez maior.

Faço uma proposta aos leitores e leitoras. Não leiam este capítulo como uma simples coleção de dados sobre Santa Clara. Procurem considerar co-mo cada uma das citações e considerações poderiam ter repercussões em vocês mesmos, ajudando-os a crescer no seu relacionamento pessoal com Deus na pessoa de Jesus Cristo.

Proponho algumas reflexões:

- 1). Essa linguagem de sponsais, esposo e esposa, provoca alguma reação positiva em você? Você seria capaz de anotá-la em um papel, mesmo que seja só para o seu uso particular?
- 2). É possível – para você – um relacionamento pessoal com a pessoa de Jesus Cristo? Se sim, como está crescendo esse relacionamento? Se não, você acha que isso não faz falta? Ou está buscando?
- 3). O seu relacionamento com Deus desperta alegria? Provoca alguma vontade de cantar?